

REFÚGIOS DOS REFÚGIOS

Refuges of refuges

ADRIANA CALCANHOTTO

Calcanhotto.uc@gmail.com

Universidade de Coimbra

DOI

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-4_7

Recebido em setembro de 2017

Aprovado em setembro de 2017

Biblos. Número 4, 2018 • 3.^a Série

pp. 151-154

Refúgio é tudo com o que a sociedade está sempre a sonhar enquanto a vida acontece. Enquanto dá-se a História estamos nós, algures. As férias em si são um refúgio e os refúgios nas férias são, aí sim, o verdadeiro paraíso. Paraíso dos paraísos, digamos, o Rio de Janeiro. A inclinação da luz, o jeito das pessoas, a majestade dos morros, os verdes do mar, a mata atlântica, um esplendor da natureza. Qualquer pessoa sente-se à vontade entre cariocas. Sempre achei que a beleza física do Rio é o que molda a natureza do carioca e faz com que seu povo seja o que é. Nada pode ser levado muito à sério no Rio porque nada pode ser muito mais sério do que o próprio Rio, o sentido da vida é a própria vida. “Olhe para esse espetáculo, eu nasci aqui, o que é que poderá ser tão mais importante?”

Enquanto escrevo esse texto acabo de ouvir pelo terceiro dia seguido o canto das cigarras, um refúgio pessoal. As cigarras cantam porque vai fazer calor e nenhuma notícia para mim poderá ser melhor. Ouvir as cigarras cantando seu anúncio e o que anunciam, em casa, na mata Atlântica, numa cidade refúgio sonhado por tantos, é o que imagino que o cérebro humano registre como fe-li-ci-da-de.

Assisti na TV à agressão sofrida por um refugiado sírio, atacado verbalmente por um carioca que empunhando dois pedaços de madeira grita repetidamente “volte para o seu país”, “não queremos vocês aqui”. Mohamed, o refugiado, tem em Copacabana um carrinho onde vende as esfihas que faz. Alguém na rua registou o ataque, postou as imagens e a repercussão foi imensa. Por um dia inteiro os cariocas fizeram filas para comer a esfiha de Mohamed, para dar apoio, carinho, um abraço, fazer uma selfie. Típico da alma carioca. Sorrisos sinceros, somos tolerantes, tudo na paz, segue a vida no refúgio dos mais cobiçados do mundo. Que recebe a todos muito bem, ricos, pobres, refugiados, contraventores internacionais, qualquer tipo de gringo de qualquer será sempre bem vindo, qualquer pessoa de onde quer que venha. O refugiado sírio saiu de seu país por causa da guerra. Mesmo amando seu país, o pai de família, ciente de que a vida é uma só, escolheu viver em paz, mandar os filhos para a escola em paz. Escolheu o Rio. No Rio o número de policiais mortos por bandidos é superior ao número de soldados mortos na guerra da Síria. O número de policiais mortos chegou a noventa e dois entre janeiro e julho deste 2017.

Os policiais morrem mesmo a paisana, quando reconhecidos. Suas mulheres põem a farda para secar dentro de casa, longe da vista das pessoas. Os policiais vestem a farda só quando chegam ao trabalho. Não podem ir e vir de uniforme ou serão executados. Quando escolhem trabalhar como policiais sabem que estão a correr riscos mas na Cidade Maravilhosa um bebê foi morto com um tiro, ainda na barriga da mãe, o refúgio dos refúgios. No refúgio tropical dos turistas, onde a mãe estava, desde que nascera, não na linha de vanguarda de uma trincheira síria. Teve o filho assassinado, executado com um tiro, antes de nascer. Estatística, manchete do dia, anúncio. Um putinho de oito anos no seu dia de passear com o pai, no carro com ele, leva um tiro na cabeça. A bala atravessou a mala do carro e ficou alojada na cabeça do menino, «que tinha sonhos» como disse à TV a mãe. Estatística, manchete do dia, anúncio.

As Maria-Antonietas da elite carioca estão deixando o Brasil por Paris, o refúgio perfeito, não estivesse sob a mira dos terroristas assim como Barcelona, Madri, Londres, Bruxelas, Nova York aquelas cidades-refúgio dos pacotes de viagem com os quais levamos a vida a sonhar, para fugir de tudo, para não pensar em nada muito menos no mundo. Em Paris, sair para comprar sapatos não está muito mais seguro do que ir tomar uma flute na faixa de Gaza. Os passaportes brasileiros são os mais valiosos para os falsificadores porque um brasileiro pode ter qualquer cara. Negro, pardo, índio, japonês, mulato, louro de olho azul. Filho de brasileira com angolano, de holandês com japonesa, de sírio com libanesa, de português com espanhola e vice-versa sendo essa última combinação não muito usual, como sabemos. Chinês com cara de chinês, italiana com cara de italiana, qualquer combinação pode ser um passaporte brasileiro. Tudo pode ser inventado pelo pensamento selvagem, parece ser a síntese e o Carnaval tem sua parte nisso. Pessoas viajam do mundo inteiro para o Carnaval do Rio. Gerações e gerações de filhos do carnaval povoaram o Rio. O Carnaval é o espetáculo de quem somos, é o acontecimento religioso da raça. Alegoria da nossa barbárie, da nossa invenção, da nossa capacidade de invenção, da nossa oportunidade de invenção e do que desperdiçamos às cascatas. Devoramos qualquer coisa e a alegria é a prova dos nove já dizia o outro.. Em 2017 o Estado teve um policial morto a cada dois dias. O que estará dizendo o coração de Mohamed enquanto ele faz as suas esfihas? Mais

um policial militar é morto em assalto. Não estava uniformizado mas quando os bandidos viram que estava armado dispararam, foi atingido por onze tiros. Estatística, manchete do dia, anúncio. Doutora professora de literatura, prestigiada no meio acadêmico da literatura portuguesa, carioca, 57 anos, especialista em Camões não conseguiu alugar um apartamento no Porto, refúgio mundial top dos programas de viagem, porque o dono do apartamento “não aluga para brasileiros”. No Rio policial militar a paisana é baleado e morto no dia de folga ao reagir a um assalto, no dia do aniversário da mulher. Estatística, manchete do dia, anúncio. No anúncio pacotes de refúgios para todos os gostos em promoções imperdíveis. Não estariam mais certos os nômades, que carregam em si mesmos os seus refúgios? Se é que existe o tal refúgio, uma vez que no Olimpo dos refúgios o Rio de Janeiro abriga em sua história a bala perdida que acertou o menino antes de nascer. No Olimpo dos olímpos, os cruzeiros na costa da Grécia, na mítica ilha de Lesbos, onde de vez em quando, crianças encalham. As férias terminaram. Hora de voltar a sonhar com um refúgio. Por hora vou-me embora pra Coimbra, lá gosto muito do rei.